



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VII—N.º 165
PREÇO 1500

NOTA DA QUINZENA

ONTEM cheguei de fora e encontro em casa gente a mais. Sabe-se quem era. Casos d'estes são frequentes e quasi sempre se publicam. O Gaiato é mesmo feito de notícias dos nossos irmãos. Sabe-se quem era; dois itinerantes perdidos. Nós somos o reducto. Não me canso de admirar uma obra social, aonde o rapaz abandonado procura abrigo pelo seu pé; não me canso de deplorar que não nos sejam dados meios de os receber. Mais fortuna teve o Dr. Bernardo, de Londres; e mais visão os homens que ao tempo governavam. Eles não queriam acreditar; era tudo exagero. Mas Dr. Bernardo convidei. O Ministro da Nação aceita. Vão os dois pela calada da noite, percorrer as docas de Londres. Os cais estão pejados de mercadorias... e de garotos sem morada certa. Aqui vinte; mais além, debaixo de um grande oleado, dormiam sessenta d'elles! O Ministro fugiu diante da evidência. E desde aquela hora, foi possível fazer um cânion nos abrigos do Dr. Bernardo: Nunca se recusa a creança que nos procura.

Os recém-chegados extremavam-se facilmente dos outros, pela sua idumentaria. Eram dois irmãos. Um devia ter os seus quinze; o outro não passaria dos oito. O mais velho abriu conversa. A sua história é a mesma de todos, e resume-se nisto: nós não fazemos aos outros aquilo que gostaríamos nos fizessem a nós. Nós fechamos as mãos e as portas e os ouvidos e o coração. Nós pomos no chão o pé firme e a pégada é o nosso mundo.

São tão raras as exceções, que se toma por heroi o mortal que foge à regra!

O mais velho abriu conversa. Nós não temos pai nem mãe! E mal começa a perceber que é difícil aceitá-los, ele, o farrapão dos caminhos, dá uma lição ao Mundo: Deixe ficar ao menos este. Era o irmão. Ele é mais pequenino.

Ele põe o problema do seu irmão; ele é mais pequenino. Mas este problema não é de maneira nenhuma d'ele. O problema dos Menores é mas é dos Maiores. E tem de ser resolvido trabalhando com eles e não para eles.

Fomos á ceia. Os cozinheiros deram-lhes do nosso caldo. O Painso de Espinho levou-os para a sua

OUTRA VEZ NO BARREDO

QUASE nunca vou só; há sempre um rapaz de folga, no Lar do Porto, que me acompanha. Alguns deles são vicentinos. Gosto de levar um. Zé Eduardo, escreve-me de Coimbra, a pedir se pode dar a um estudante capa e batina das que lhe sobram; ele é muito necessitado. Um dos nossos que já ganha, não esteve com meias medidas e emprestou 200\$ a um seu colega de escola. Um outro que nós cá temos, costuma aparecer amanhã sem o fato que hoje lhe dou. Dou volta pela freguesia e encontro-o no corpo de um miserável! Gosto sempre de levar um.

Desta vez, topei no Porto o Carlos Inácio, que tinha vindo de Coimbra, aonde estuda, ao banquete do Boavista. Um convidado de honra. Ele foi sempre um danado pelo seu clube, sempre. Tomei-o por um braço e descemos o Mousinho. Ao segundo casebre, já o rapaz queria armar um comício no Largo da Ribeira,—mas então a Camara não sabe disto?! Mandei-o meter a espada na bainha.

Era à tardinha. Estávamos agora no terceiro casebre. Carlos Inácio senta-se num trepo. A Pobre estava enrodilhada numa enxerga e gemia. Fiz pausa. Havia silêncio. Um gato branco desce do sótão. A mulher estava em horas de muita dor. Tenho um bando de filhinhos. Isto disse ela, ao entrar um deles pela porta dentro, com a cara muito suja. O meu homem anda por lá... Umaz vezes são elas, outras vezes são eles que andam por lá. É o Barredo. Os barredos são isto. Casa sim casa não é taberna. Casa sim casa não é lupanar. De vez em quando faz-se uma limpeza, os jornais dizem dela e tudo volta ao mesmo ser. As câmaras sabem. Os governos sabem. Nós todos sabemos.

O pequenino olhava em redor e pedia pão à mãe; ela aproxima-o e dá-lhe um beijo: tenho um bando de filhinhos, tornou a dizer.

A Doente rezava quando eu entrei. Levanto-me para sair. Tinhamos outros casebres. Digo-lhe que as minhas visitas não podem ser regulares; que nem sempre poderei dar quantia certa. Ela retirara um lenço que tinha sobre os olhos. Toma forças que antes lhe não via. Inunda-se de lágrimas e declara que eu hei-de ir vê-la sempre e muitas vezes e dar o que fôr preciso! O senhor precisa de vir aqui. O senhor precisa de ser muito ajudado de Deus. Isto é teologia. Os teólogos que não aprendem aqui, não sabem como se ama. Ela rezava quando eu entrei..!

camarata. E no dia seguinte providos de algum dinheiro, foram-se embora. Isto não é a Casa do Gaiato, já se vê. Isto é o Mundo. Isto são os senhores que sabem e fazem de conta que não.

Eu vi-os ir avenida abaixo. D'ali ao crime é um salto de pardal. Ninguém nasce criminoso. Mas é sabido e provado que a maior parte dos criminosos, foram creanças abandonadas.

Deixe ficar ao menos este.

Pode muito bem acontecer que amanhã, um d'aqueles dois irmãos, venha a ser chamado ao banco dos réus. Será um tribunal em forma, com o peso dos 3 juizes, as testemunhas de acusação e a dureza da lei.

Tudo no seu lugar,—menos a justiça!

Ontem é que devia ter sido a
(Continua na pág. seguinte)



Eis aqui o Tiroliro. Ele é João de batismo. E' João Marques Ferreira de família, mas o que é certo é que trouxe aquele nome e nunca lho tiraram, tão pouco ele o tira. E um dos fundadores da Casa; veio em Dezembro de 1943. Tem passado todos estes anos por Tiroliro e é o Tiroliro! Rapaz de poucas palavras, foi-lhe confiada a difícil missão de porteiro. Ainda nós estávamos e estivemos no antigo convento, e já ele era o porteiro. Mudamos para as instalações da aldeia e ele continuou. Construiu-se uma pequenina e graciosa moradia coberta de colmo para ele se abrigar, que ficou sendo chamada a casota do Tiroliro. Outros porteiros vieram; lembro-me do Zé da Lenha hoje tipografo. Do Lourenço Rola, hoje empregado no Porto. E o actual é o Manuel Risonho. Não importa. Continua-se a dar o nome de casota do Tiroliro à morada do porteiro. Lá está ela. Quem entra ou sai, dá-lhe fatalmente com os olhos; casota do Tiroliro. Tanto pode a tradição!

O rapaz não gostou nada, nada na maré, e protestou. Casota não. Casotas são para os cães. Tanto mais que ao tempo andava-se também a fazer a casota do «Nero» e do «Marão». Ouvi muitas vezes os protestos do rapaz; que não e que não e que não. Mas os outros venceram. O nome ficou.

João Marques Ferreira, que vai nos dezanoze, fez o seu exame e é um promettedor industrial de sola. Sapateiro não. Os rapazes não gostam deste nome e eu desejo que ele tenha amor à arte; que a não perca por causa do nome; industrial de cabedais.

Nunca o ouvi discutir com ninguém. Nunca me veio fazer queixa de ninguém. Nunca me pediu nada. E' um rapaz silencioso e cumpridor, que goza na aldeia de estima geral. Neste derradeiro Natal, veio ter comigo a dizer que tinha pai e umas tias. Que andavam pelo Porto. Que ele, desde que viera em pequenino, nunca mais ali tinha ido nem visto ninguém dos seus. Ele dormia nas areias da Fóz debaixo de uma barca. Dei-lhe algum dinheiro para a mão e disse-lhe que fôsse: tu já és um homenzinho. Toma, gasta o preciso. Tiroliro aceita as notas e regressa com muitas delas, que religiosamente entrega: não me foi preciso mais dinheiro.

Eu nunca exerci nenhuma influência especial sobre este rapaz. Nunca o chamei para uma conversa, como faço a muitos. E' tudo ele. Ele sózinho e a Graça de Deus! Dormia nas areias do mar!!

VISITANTES

DE entre a multidão do domingo passado, destaca-se um homem do povo que vem à minha beira. Quer falar, mas as lágrimas embargam. Tenta, mas não pode. Mete a mão na algibeira e tira uma nota. Eu respeitei o silêncio. Respeitei as lágrimas. Recebi a nota de 50\$00. Um acto de amor perfeito; amor total. Ama a obra que agasalha crianças e tira do que lhe falta para assim ajudar a obra. Não há como olhos embaciados, para verem profundidades. Aquele homem do povo e muitos outros da sua igualha, têm visto e compreendido a profundidade da Obra da Rua

São os pequeninos. São os mais pequeninos que fazem soltar lágrimas. Nós precisamos deles em nossas casas, para fomentar a piedade dos que cá moram e também a dos que nos visitam. Hoje não. Por enquanto é muito limitado o número de rapazes a quem podemos pedir contas. Mas amanhã havemos de os ter e é precisamente de entre os pequeninos de hoje que saem os grandes de então. Eu vejo. Eu sinto. Eles provocam lágrimas. Grande missão os espera!

Por isso mesmo é que trabalhamos com eles, isto é, aproveitamos os seus trabalhos para o bem comum da Obra. Não chamamos ninguém de fora. Não queremos estrangeiros a profanar. Queremos, sim, que eles sejam e se sintam úteis. O trabalho deles é que tem graça. O trabalho deles é que rende. Os visitantes que nos procuram nos dias de fazer, vão-se embora maravilhados. Querem saber quem manda. Querem saber como é possível prender crianças às suas obrigações; e vão-se embora convencidos e contentes. É a criança que SE prende!

Nós queremos mais visitantes. Nós precisamos de mais visitantes. As nossas casas têm sido e hão-de continuar a ser levantadas com a simpatia e os tostões dos visitantes. Nós começamos a Obra sem dinheiro e temo-la feito com lágrimas próprias e alheias!

CONTINUAÇÃO DA 1ª. PÁGINA

justiça.

O momento em que estes dois irmãos vieram aqui pedir os seus direitos, era a hora de fazer justiça. Nós devíamos estar em condições de poder abrir a porta. Dar-lhes facilidades. Ensinar. Prover.

E se, tendo nós feito tudo, eles não quisessem aproveitar e viessem a cair nas malhas dos tribunais, então sim; seria a hora e o lugar de fazer justiça.



A NOSSA TIPOGRAFIA

E uma atrazada de algures, que enfileira com 25\$00. É uma que não presta para nada, vai com o dobro. É uma com um parafuso de 20\$00. E um vendedor, o Albertino, recebeu recado para ir à rua X e ele foi e trouxe de lá 500\$00. Entregou-me a nota à chegada, e mais outros dinheiros--o Engeitado! Dantes não era assim...

A nossa tipografia, por muitos títulos e maneiras, é escola para os nossos rapazes. É também é termómetro por onde se conhece quem sofre da febre de dar. Também vai um de Sá da Bandeira: «50\$00 tirados ao primeiro ordenado em África após ter cá chegado e estar 15 meses à espera de colocação.»

A nossa tipografia é termómetro.

A carta é datada de 26 de Maio. Quem escreve esconde a mão. Fala no seu lar, na sua filhinha e noutra que está para vir.

A carta é uma revelação. Primeiramente, das dificuldades ultramarinas;

15 meses à espera de colocação! Depois, a constância deste Desconhecido. Finalmente, a luz interior que jamais se apaga. O alerta. A presença de Deus em sua alma: tirados do primeiro ordenado.

Imediatamente atrás deste gigante, enfileiram alguns funcionários de boa vontade dos C. T. T. de Lisboa, com 71\$00.

E todos os confrades de S. Vicente de Paulo de Gavião, com 200\$00. E uma subscrição de Tondela com 250\$00. E outra de uma Casa comercial do Porto, com 500\$00. Agora enfileira um Anjinho com 10\$00.

At veem sete empregadas da

Companhia dos Telefones (Troncas) com 200\$00, que elas confiaram ao Zé d' Arouca. Um nadinha atrás, vê-se um grupo de empregadas do Escritório da Companhia dos Telefones com 90\$00, que também entregaram ao Zé d' Arouca.

E mais 100\$00 de Tres das Treze dos Telefones.

Agora vai o Lobito. Temos naquela terra um apaixonado, que tem feito apaixonados. O nosso jornal é ali moeda corrente; é dinheiro forte, graças àquele Senhor. Entre os assinantes, vejo nomes de epopeias ultramarinas! Quem me dera apertar a mão a todos! Novo Redondo também vai. E' outro apaixonado. Quem serão estes senhores, que por nome não conheço, sim, mas eles são conhecidos! Eles são de Portugal. Enfileira um na marca, e mais outro, e mais outro, e mais outro, e também o Menino António Miragaia, a valer por um homem. O do Lobito, vale por três. Os homens da torreira tropical! Também eles têm pena e sentem a morosidade. Querem mais vida no cortejo. Receiam que isto desande em funeral. Eu cá nao. Eu estou vivo.

Um visitante do Bonfim, deixou 300\$00 e um outro 100\$00. A Covilhã tornou a enfileirar com 100\$00. Lisboa idem, a ver se a procissão recolhe. A professora oficial de Paredes ateima em ir e vai em cheio. Também do Carapulo, — a pátria dos micróbios; — quem dera que demore para eu de novo enfileirar. Nao tenha medo. Deixe recolher. Eu já tenho outra procissão engatilhada; é um bloco de casas para os que se casam.

Fica a dívida em 157.200\$00.

VENDA DO FAMOSO

VAI mal. Corre mal. São os electricos. Pi ulas e Fominhas, querem em todo o modo que eu vá falar ó Senhor Engenheiro dos electricos. Eu ia mas não sei quem ele é. Eu não conheço ninguém.

O Albertino, informa que alguns conductores dizem que sim e outros que não. Que uns param prá gente subir outros correm-nos com o ferio de mudar as linhas.

De entre os dezasseis vendedores aferroados, nenhum fala da mesma sorte.

Não há concordancia. Fica a gente sem saber se são os engenheiros, se os conductores ou se são os vendedores.

Mas há pior; há bem pior do que isto. E' o caso que estando eu ontem no Lar do Porto, eis que entram o Abel e o Risonho e o Tomar. Vinham de vender. O Risonho declara que não é o jornal; que são mas é os clubes. Os senhores perguntam por qual clube é que a gente acode e se não é o deles enxolam-nos. Eis a informação categorica do rapaz: são mas é os clubes.

Fiquei naturalmente apreensivo. Estava ali o Abel que é o campeão da venda; ele despacha todas as quinzenas à roda de 500 exemplares.

Dirigi-me ao rapaz e ele disse que não. Eu cá vendo os meus jornais e ninguém me pergunta por quem eu acudo. Agora é ao Risonho que dirijo um olhar de censura. Ele segura a informação e explica-se: Ele só vende às senhoras. As senhoras não querem saber da bola. São os senhores. Eles é que se importam.

Rialmente o Abel trás sempre presentes das senhoras dos correios; d'esta feita, era um lindo corte de camisa, que ele na maré nos mostrou: Olhe.

Estou apreensivo. Ando apreensivo. Se o Risonho tem razão, em vez de aumentar como esperava, tenho de diminuir a tiragem do Famoso. São mas é os clubes.

Zé de Arouca trouxe uma linda caneta de um senhor do Banco Inglês, que por amizade a oferece; e deseja vê-lo em todas as quinzenas.

NOTICIAS DE MIRANDA

POR

JOSÉ MARIA SARAIVA

1 No dia 7 de Maio vieram cá uns senhores e senhoras em duas camionetas, com o fim de visitarem a nossa casa. Às 15,30 andávamos a jogar a bola no nosso campo de Futebol. Passados momentos vimos duas grandes camionetas. Pararam ao fundo da quinta. Todos queriam saber o que era, e começaram a correr para saber. Como já disse, eram duas camionetas. Atrás vinha escrito: Liga Operária Católica, S. Bartolomeu Coimbra.

Pelas 16 horas travámos logo um desafio de futebol, em que conseguimos empatar por 3-3. Ao fim da primeira parte perdíamos por 2-1 com um golo que Leiria marcou num livre de canto que Ernesto apontou. A nossa linha foi assim constituída: José Maria, José Carlos e Barrigana, Machado, Zé Bolos e Carlos; Afonso, Ernesto, Monarca, Gil e Leiria. Na segunda parte houve modificações na nossa linha. José Maria foi para interior direito, Barrigana para a baliza e Ernesto para médio. Machado também cedeu o lugar a João. E foi assim com estas modificações que conseguimos o empate. Os nossos golos foram marcados por Leiria (2) e José C. (1). Monarca também marcou um, mas o árbitro mandou marcar penalidade quando a bola já estava dentro das redes. José Carlos marcou o castigo à figura do guarda-redes perdendo assim um golo. É de notar que eles já eram homens, certamente alguns casados. José Carlos e Ernesto foram com Leiria os melhores dos nossos e os restantes razoavelmente.

2 Nestes ultimos dias muitos senhores nos têm visitado. Há dias vieram cá uns senhores de Castelo Branco que nos deixaram dinheiro e um grande cesto com massa, arroz, açúcar, café figos secos etc. etc. Esses senhores vieram à hora da ceia quando estávamos a ceiar. Por cima do cesto vinha escrito o seguinte: «Aos Gaiatos,» pequenas lembranças da nossa grande amizade dos alunos do quinto ano de liceu de Castelo Branco. No domingo anterior também cá vieram um grupo de Meninas da Acção Católica de Coimbra. Eram trinta e três umas eram da J. I. C. F. e outras da J. E. C. F. Essas meninas trouxeram o lanche e comeram cá na nossa quinta à sombra das oliveiras. Deixaram-nos bolos, e algum dinheiro. A essas meninas e a outros benfeitores sinceramente muito obrigado.

3 Quando há jogos de futebol em Miranda do Corvo costumamos lá ir quase sempre. Desta ultima vez que fomos o grupo que jogou em Miranda tinha as equipas iguais. O Atlético pediu-nos a nossa menos as chuteiras e as meias, e nós emprestamo-las. Plo Atlético de Miranda costuma jogar o Venancio e José Maria. Nesta ultima vez que o Atlético saiu, nós tínhamos cá jogo e não tínhamos bola em condições pedimos ao Atlético que nos emprestou. Nós agora não temos bola. Se houver algum senhor que nos queira mandar escreva para a Casa do Gaiato Miranda do Corvo.

(Continua na pág. seguinte)

PEDITÓRIOS

AQUI, LISBOA!

NOTÍCIAS DE COIMBRA

Ainda me lembro do primeiro, como se fôra hoje; e foi em Agosto de 1937 na capela do Forte de Santa Catarina, Figueira da Foz! Rendeu a passar de oito centos escudos. Foi a primeira vez que em público se anunciou a beleza moral da criança abandonada, e desde aquela data, nunca mais deixamos de o fazer. Este é o nosso capital; a liberdade de pregarmos. A criança, é precisamente toda a nossa fortuna. Não qualquer, mas a da Montureira.

No domingo passado, foi na igreja de S. João da Foz, às missas das 10,30 e do meio dia. Há quatro anos que ali não tinha ido. Daquela vez, fui eu mesmo por entre o povo, saca na mão, e desta vez foram o Júlio II, o Porto de Miranda e o Pirulas. Pelo que eles me relataram, aconteceu agora como naquele tempo; senhores a despejar as carteiras. O Porto de Miranda, disse-me que nunca tal vira em sua vida, desde que pede nas igrejas. O Júlio II, informa que as Mães davam o dinheiro aos seus filhos para estes, por sua vez, o deitarem nas bandejas. O Pirulas, contou-me de uma Mãe que dera ao seu pequenino uma nota de 100 escudos e que ele a guardara para si e que a Mãe lhe ralhara. Tudo isto é prégar. Tudo isto é revolução das almas. Andou perto de 4 contos.

Pirulas, não perdeu a oportunidade de me fazer uma das suas. Eu estava na sacristia à espera. Entram Júlio e Porto a bufar de contentes, sacas cheias; isto é que foi. Atrás vem o Pirulas. Traz uma bandeja com meia dúzia de moedas; a mim só me deram isto, olhe. Ficamos todos suspensos com aquela notícia. Era verdade. Estava ali a evidência. Só me deram isto. Mas não. O rapaz trazia as algibeiras cheias de notas. Começa a sacar delas e d'elas e d'elas. Foi-se a ver. Tinha tanto como os outros! Isto também é prégar. Também é doutrina. Também é revolução das almas.

CONTINUAÇÃO DA 2.ª PÁG.

4 Entraram mais tres rapazes para a nossa casa. Os dois primeiros são um de Vila Nova de Ourém e outro de Angola da cidade de Benguela.

Nestes ultimos dias apareceu aqui uma mulher com um filho a pedido de um senhor da Fábrica de Sacavém, para cá ficar. Ela trazia uma carta. Também já foi daqui o Buarcos para Coimbra

5 Já temos as nossas terras lavradas e semeadas. Parte delas estão com milho. Onde era o nosso campo antigamente está quase tudo de batatas. Que grande batatal! Parece-me que nunca assim tivemos um tão grande. Deus queira que dê muitas batatas. A terra nova está toda semeada de milho. Cá por cima temos os canteiros com hortaliças, beterrabas, cebolas, rabanetes, feijão, etc. Ao lado do campo de futebol temos um grande faval. Temos andado a comer delas. É uma beleza ver a nossa quinta. Quem nos visitar fica encantado com esta vista maravilhosa, onde se vê a Serra da Lousã.

NÃO sei o que deu a uma Senhora da Figueira da Foz, que desatou a dar para os Pobres das tocas de Lisboa. Diz que é do seu ordenado. Deve ser funcionária, e, como tal, pobre também. Mais uma vez se confirma a nossa antiga convicção de que os pobres, melhor do que ninguém, compreendem e ajudam as privações dos seus irmãos.

Não há recado que eu cumpra com maior devoção do que este: levar ao antro o pão que ali falta.

Quando descí á furna, há muito que ali era esperado:

—Supunha que tinha ido para Roma...

—Não; não tenho tempo nem dinheiro para peregrinações!

—Se tarda mais uns dias, já aqui me não encontrava. Estive mesmo pronta... Aqui a minha vizinha já lá vai. Tinha os pulmões desfeitos. Ainda há dias foi o pai; agora ela. A pobre mãe está desolada...

(Era verdade: já aqui contei como o pobre homem se tinha apagado de repente, em cima dum caixote).

—Então como se arranjou aqui sem ninguém?

—Foi o meu menino que me viu sem fala e foi chamar por uma Senhora muito nossa amiga.

Eu já tinha notado que tinha entrado no tugúrio mão de fada. Felizmente Deus lembra-se sempre de seus filhos para que não lhes falte o indispensável na hora da tribulação. Tinham acudido com injeções.

Dias antes fui encontrar o pequeno, a arder em febre, junto da mãe. Fiquei sem as minhas pernas—lamentava ela. Agora havia um colchão ao lado para ele.

Quis saber quem era a Senhora.

—Parece-me que é uma Condessa...

Pode ser que seja uma simples vicentina. Para o pobre, os grandes não são os que brilham nos salões, mas os que baixam ao tugúrio para escutar-lhes os gemidos.

O Pão dos Pobres fala bastante daquela nobre Senhora que foi a Condessa do Ameal. Passei por ela algumas vezes em Coimbra, e reparei como todos se aprumavam reverentes à sua passagem. A estima e admiração em que era tida, não lhe vinha do Condado, mas sim do reino das tocas por onde passava fazendo o Bem.

Mais coisas soube ali á beira daquela pobre creatura: ele a língua das mulheres, o vinho dos homens, os que não querem trabalhar, ele as crianças sem escola nem educação, o tabaco, a vadiagem, a gauderice... Um tratado da piolhice das barracas que aquela mulher tem na cabeça.

Estou tão farto disto, Mãe; —acrescenta por sua vez o pequeno Mário—que quando a Mãe morrer, vou pedir para entrar num convento! Isto aqui é um inferno!!

—Dizem, arrisquei eu, que vão destruir estas barracas...

Resposta imediata:—Já devia ter sido há muito!

DE PADRE ADRIANO

Não era a primeira vez que ouvia os Pobres a falar assim.

Nós que com tanto carinho falamos das barracas, somos contra as barracas. Não há direito, dizia-me um habitante delas em Coimbra, que nós vivamos para aqui em pocilgas peores que as dos animais!...

Tem razão. O mal é grande! Para grandes males, grandes remédios.

Resta saber qual o remédio oportuno e eficaz.

Primeiro, nenhum é possível enquanto continuar sem controle a emigração para as cidades. Mas antes disso, é preciso saber se no campo há condições de vida. Está aí a desculpa que muitos alegam e creio que nela há muito de verdade.

Temos que acudir ao campo para salvar a cidade. Depois é preciso distinguir tres classes de habitantes das barracas: a dos que vieram da província deixando bens que ainda possuem; a dos que de lá vieram mas que de seu só têm as estrelas do céu e as estradas por onde todos passam; e a dos que nasceram e em Lisboa se criaram, mas não foram bafejados pela fortuna.

Falo de cór. Nunca li nada sobre o assunto. A minha opinião é esta: para os primeiros, uma ordem terminante que os obrigue a regressar aos pátrios lares; para os segundos só vejo este caminho: que as Autoridades centrais obriguem as Autoridades locais a preparar meios de vida (habitação e trabalho) para receber os próprios contreraneos; aos outros, como é justo, proverá a Câmara Municipal de Lisboa.

O problema tem mais duas soluções: a primeira é deixar correr o marfim, como até aqui. Os bairros económicos, resolvem muito bem a situação de muita gente, mas não a das barracas que não tem educação nem dinheiro para a renda por diminuta que seja.

A outra solução uma, ordem de despejo pura e simples, pode aparentemente limpar um sector da cidade, mas agrava automaticamente todos os outros.

Suponhamos que ia para a frente o propósito de desfazer em pouco tempo as tais dez mil barracas clandestinas que se construíram na capital, sem mais se poderem reconstruir na ária da cidade —imediatamente as câmaras de Loures, Oeiras, Almada etc. ver-se-iam a braços com uma invasão de 50.000 pessoas indesejáveis.

O problema é deveras delicado e de difícil solução. Mas tem de ser encarado a sério, a menos que se queira construir indefinidamente hospitais, cadeias, asilos, sanatórios e cemitérios.

Entretanto resta-nos a consolação e o mérito de irmos enxugando as lágrimas a alguns, até que venham dias melhores.

Antevejo já esses dias porque está entre mãos de quem de direito, o estudo dos mais sérios problemas sociais, dos quais este não é o menor.

POR

CARLOS INÁCIO

APÓS um longo descanso, volto à minha tarefa de crónista. E eis-me aqui novamente a publicar notícias deste Lar para o Famoso.

Doravante ficamos a escrever a crónica, alternadamente, eu e o Ernesto.

Vou agora contar aos nossos estimados leitores algumas proezas e catástrofes acontecidas:

1 Há dias recebemos um telefonema da Câmara Municipal de Coimbra para irmos lá buscar o produto de uma quete feita aos operários daquele edifício e a favor da Casa do Gaiato.

O Sr. P.^o Manuel incumbiu-me de ir buscar o dito produto e ao mesmo tempo agradecer a lembrança ao Sr. Leitão também empregado ao referido edifício. Vestido de capa e batina, dirigi-me a um escritório afim de receber o produto mas ao entrar naquele não destracei a capa e eis que um dos empregados me faz a seguinte observação: «Então você, um estudante, não sabe o que deve fazer quando entra em casa estranha?»

Pedindo desculpa da minha má educação, recebi o envelope com o dinheiro destinado à nossa casa e, agradecendo, retirei-me um pouco envergonhado.

Agora só me resta esperar o perdão da minha má acção.

2 Ora até que enfim que nos veio visitar mais uma família.

Há muito tempo que não sentíamos a consolação duma visita no Nosso Lar. Nem o Pai Américo, fundador da Obra, nos visita. É só quando por cá tem de passar e é visita de médico. Ele decerto pensa que nós não temos ciúmes de ele só conviver com os outros e nós aqui ao abandono, famintos de palavras doces como são as dele.

Como estava a dizer, a dita família visitou o Lar e no fim deixou-nos uma quantia de 15\$00. Que todos sigam este exemplo porque nós também somos gente.

3 Temos andado um pouco melancólicos e meditabundos na saída do João Carlos. Este nosso companheiro, depois de estar alguns anos na Obra, resolveu ir-se embora. No dia marcado despediu-se de todos e partiu para a sua terra natal. Que seja feliz são as preces que fazemos ao Salvador.

4 A Venda do Famoso decorreu mais menos como de costume. Dirigiram-se para a venda o Bucha, o Figueiredo, o Carequita, o Nelas, o António e o João.

O primeiro vendeu 50 exemplares regressando com 15\$30 de acréscimos; o segundo vendeu 75 ex. trazendo de sobras 25\$90; o terceiro despachou 40 jornais apresentando 9\$80 de gorjeta; o quarto serviu 33 leitores trazendo um total de 41\$70; o quinto regressou a casa com 29\$20 sendo 25\$00 o produto dos jornais; e o sexto e último apesar da sua pequenez vendeu 20 jornais apresentando um total de 21\$20.

Aqui têm os prezados leitores as contas tal qual fora dadas ontem e não cerrar o dia.

ISTO É A CASA DO GAIATO

Risonho levou toda a semana a dizer a todos que a Caixa dele vinha-nos visitar no domingo e veio. Não parava um momento de dar a notícia: *a minha Caixa vem cá domingo*. A propósito de ter vindo cá o Banco do Faisca, Risonho pretendia mostrar à malta que valia tanto como ele: *a minha Caixa também cá vem*. De vespera, houve grande sarilho na rouparia, entre ele e os roupeiros; sarilho foi ele, que a senhora teve de intervir. Risonho não se contentava com a roupa do domingo e requisitava a da venda; a roupa que eles levam à venda. A melhor.

* * *

NO'S temos um salão de cinema como é do conhecimento de toda a gente. Poderia-se-lhe dar o nome pomposo de auditorium que outros, noutras partes, com menos razão, têm este nome. Aqui não. É o salão. Uma sala grande a mais nada. Nem temos ainda cadeiras, nem bancos, nem mesas, nem nada. É o chão extreme e algarzarra sem limites.

Ora aqui há dias, tivemos uma fita de terras de gelo, aonde se praticava desporto. Outra fita, era das Missões Africanas. Viam-se pretos em festa. Grupos de rapazes, andavam à roda com outros, a fazerem *moinhos*. Também havia um mastro com um prémio suspenso na ponta, aonde subiam os mais ousados. Pois muito bem. Os nossos viram as fitas, aclamaram e foram-se deitar. Tudo passara. Amanhã era outro dia, outras obrigações. Assim parece, mas não é. No primeiro recreio deles, ninguém via senão *moinhos* no campo da bola. Um dia depois, apareço casualmente à varanda, e dou com os olhos num rapaz na ponta do mastro da nossa

bandeira, que tem uns sete metros de altura. Arrochei as mãos na cabeça a berrar! E no domingo seguinte a esta sessão, mais de oitenta gaiatos dirigiram-se à mata e fizeram *desportos no gelo*, dentro de cascas de eucalipto, por ribanceiras abaixo! Trata-se de coisas inocentes, mas se se desse o contrário, os rapazes também as imitariam. É fatal.

Esta notícia pequenina, dada assim como quem brinca no jornal mais pequenino do País inteiro, esconde um grande problema das almas. Os homens que produzem fitas, deviam ser escolhidos; os que as censuram, ainda mais. Uns e outros, deviam saber, praticar os Dez Mandamentos e acreditar na Vida Eterna.

* * *

FAISCA não presidiu hoje ao terço, na capela, como de costume.

Quis saber e disseram-me que lhe tinham dado um soco no nariz e ele estava a botar sangue. No final da oração indaguei; tinha sido o Chinês. Mandei chamar o rapaz e ele apresenta-se. Perguntei a causa; *vês sangue no nariz do Faisca?* Chinês não responde, mas faz melhor do que isso; aponta e mostra também sangue no seu nariz... Amor com amor se pagal

* * *

AS vezes chego a ter medo de perder terreno, com esta nossa divisa do rapaz pelo rapaz. Será talvez desautorizar-me. Chego a ter medo. Mas não. Hoje tive a certeza que não. Esta carta o diz:

«Sr. Padre Américo «o china está doente «eu cria ir para «o hospital mas o « António está para o «Porto e não «me querem mandar «de comer».

Ora vamos a trocar em miudos. O China é o Rogério. É ele mesmo que escreve o bilhete de seu leito. O António é o antigo *Moléstia*; o actual enfermeiro, que naquela manhã tinha realmente ido ao Porto acompanhar doentes. Rogério quer comer. Quer pão.

Não há no mundo inteiro negócio mais sério: *não me querem mandar de comer*. Ora ele apela para mim. O rapaz não apela para outro rapaz. Não senhor. Sou eu:

Sr. Padre Américo.

Pronto. Estou canonizado. Tenho toda a auctoridade. Sou na verdade o Homem da Obra.

* * *

ESTANDO eu ocupado a escrever O Gaiato, eis que entram pela porta dentro tres dos mais pequenos, cada um com seu braçado de couves arrigadas e mãos sujas da terra. Eram couves dos seus pequeninos quintais. Quando me volto na cadeira, um deles, sem mais cerimonia, coloca o seu quinhão sobre a mesa de trabalho; couves, tinta, papel, terra, maí-los meus manuscritos! *Estas são todas da minha horta*. Todos falavam ao mesmo tempo das que traziam ali, das que ficaram na horta e de outros molhos delas, que já por vezes tinham dado aos cozinheiros. Era um delírio. A seguir vem a historia de incursões de outros companheiros nos seus quintais: *é inveja*. O mais meudo dos tres salta de contente, sacode o seu lote de couves e faz cair terra no chão. *Olhe as minhas é que são!* Eles não viam os inconvenientes da terra por sobre a mesa de trabalho, nem a caída no chão. Não viam nada disto. O Arlindo irá limpar a seu tempo. Estavam tomados de alegria das suas

hortas, feitas nas horas do recreio: Eles eram a explosão: — *Olhe as minhas!* E eu também não dei fé da terra por sobre a mesa, do tinteiro entornado, do papel sujo; não dei por nada, de embebido.

* * *

TENHO de ir ao Porto espreitar o Martins enfermeiro (antigo *Moléstia*) quando ele fôr com doentes àquela cidade; tenho de espreitar. Ele não vai comer nunca ao nosso Lar! Diz-me ele que são umas senhoras, mas não sempre as mesmas, nem moram nas mesmas ruas. *São umas senhoras que nos levam para comer*. Não importa quem nem quantos; o rapaz tem sempre convites. Será assim, ou éele que se faz convidado? Ora isto é o que eu hei-de saber.

* * *

MANUEL Risonho tem estado de cama. Ele e outros, no hospital. Hoje passei e vi-os todos à janela. Era dia santo de guarda. O campo da bola andava pejado; enfermeiro também era um dos jogadores. Risonho, informa que tinha tido 38 e meio de febre, mas que já estava melhor. E continua: *se o hospital ganhar, o enfermeiro deixa-me sair*. Estranhei. indaguei e vim a saber tudo. Andava um campeonato entre as casas, as oficinas e o hospital. Na maré em que Risonho me falara, estava o hospital em jogo. Os doentes estavam todos à janela, interessadíssimos; se ganhassem ia tudo para o meio da rua! Na hora em que esta escrevo, não posso dizer da sorte dos doentes; mas afirmo que as doenças não são de gravidade, e isso é que interessa.

CRÓNICA DO LAR DO PORTO

CONTINUAÇÃO DA 3.ª PÁG.

DE

CARLOS R. GONÇALVES

1 Mais dois rapazes que vieram de Paço de Sousa para o nosso Lar, tomar conta dum emprego.

São eles: o Alfredo e o Armando. O primeiro estava a trabalhar na redacção do nosso jornal e era distinto crónista da aldeia. O segundo era serralheiro. Foi este o rapaz que pediu ao Pai Américo o torno. Veio para o Porto aperfeiçoar-se para mais tarde tomar conta da nossa oficina em Paço de Sousa.

2 Portugal é o melhor do mundo em Oquei em Patins. Estas são as palavras que constantemente se ouvem da boca dos nossos rapazes.

Nas noites de relato todos se acumulavam em volta do rádio.

Todos estavam silenciosos; mas quando Portugal metia um golo ou Emídio defendia uma bola mais difícil, a casa parecia que ia abaixo com o barulho.

Na Noite do Portugal—Itália tal foi o contentamento da vitória, que nas faces de alguns viam-se lágrimas escaldantes de alegria.—Sim! realmente Portugal é o melhor do mundo!

E vós componentes da equipe nacional de hoquei em patins, recebei de todos os gaiatos um abraço sincero de agradecimento pela vitória que trouxeram para o nosso tão lindo Portugal.

Obrigado Campeões!

3 Já num número atrasado fizemos um apelo aos nossos leitores a pedir se nos mandavam livros para a nossa biblioteca. Como ainda não aparecessem alguns, foi resolvido escrevermos para todas as livrarias a ver se conseguimos alguma coisa.

A leitura é necessária, sendo ela boa. Nós queremos elevar o nosso nível de cultura, esse o motivo porque andamos tão interessados neste pedido.

Esperamos a ajuda dos nossos leitores, e assim contribuirão para a formação cultural dos nossos rapazes.

NOTÍCIAS DA NOSSA CONFERENCIA

DE

CARLOS V. DA ROCHA

Por hoje apenas quero fazer um pouco de história. Como a conferência nasceu, como tem progredido e a boa vontade de todos que nela colaboram e que nos têm ajudado.

A nossa Conferência nasceu em 21 de Abril de 1945 e nos primeiros anos da sua fundação foi uma das conferências mais bem organizadas e a que mais se fez notar.

Porém no ano de 1949 decaiu muito até ao completo abandono. Assim os nossos pobres sofreram muito pois não tinham as esmolas nem o conforto das palavras dos seus visitantes.

Porém com a entrada de novo chefe para o nosso Lar, quizemos de novo fundar a nossa Conferência e Ele Chefe a assistente auxiliar.

6 Não queremos ser aborrecidos e por isso limitamo-nos a fazer um pequenino pedido.

Como é do conhecimento dos nossos leitores, de 8 em 8 dias há um Domingo e este é dedicado ao descanso mas, como não temos oportunidade mais propícia fazemos do descanso um cansaço jogando a bola.

Gostávamos muito que aparecesse um benfeitor que nos enviasse uma substituta daquela que sem pensar no mal que fazia, deu por finda a sua utilidade na diversão.

E a Conferência está de novo em grande actividade.

Podemos garantir aos nossos estimados leitores e amigos da Nossa Conferência, que ela há-de atingir o brilho dos anos anteriores.

Ainda agora se deu um grande exemplo:

Os nossos rapazes que contribuíam com uma cota mensal para o nosso grupo de Futebol, resolveram em unanimidade contribuírem com metade dessas cotas para os nossos pobres.

Esta atitude é digna dos maiores louvores e que esta atitude seja tomada pelos nossos estimados leitores e amigos dando-nos o que lhes for possível para os pobrezinhos da Nossa Conferência.

Recebemos de um anónimo 20\$00 para os nossos pobres o que muito agradecemos.